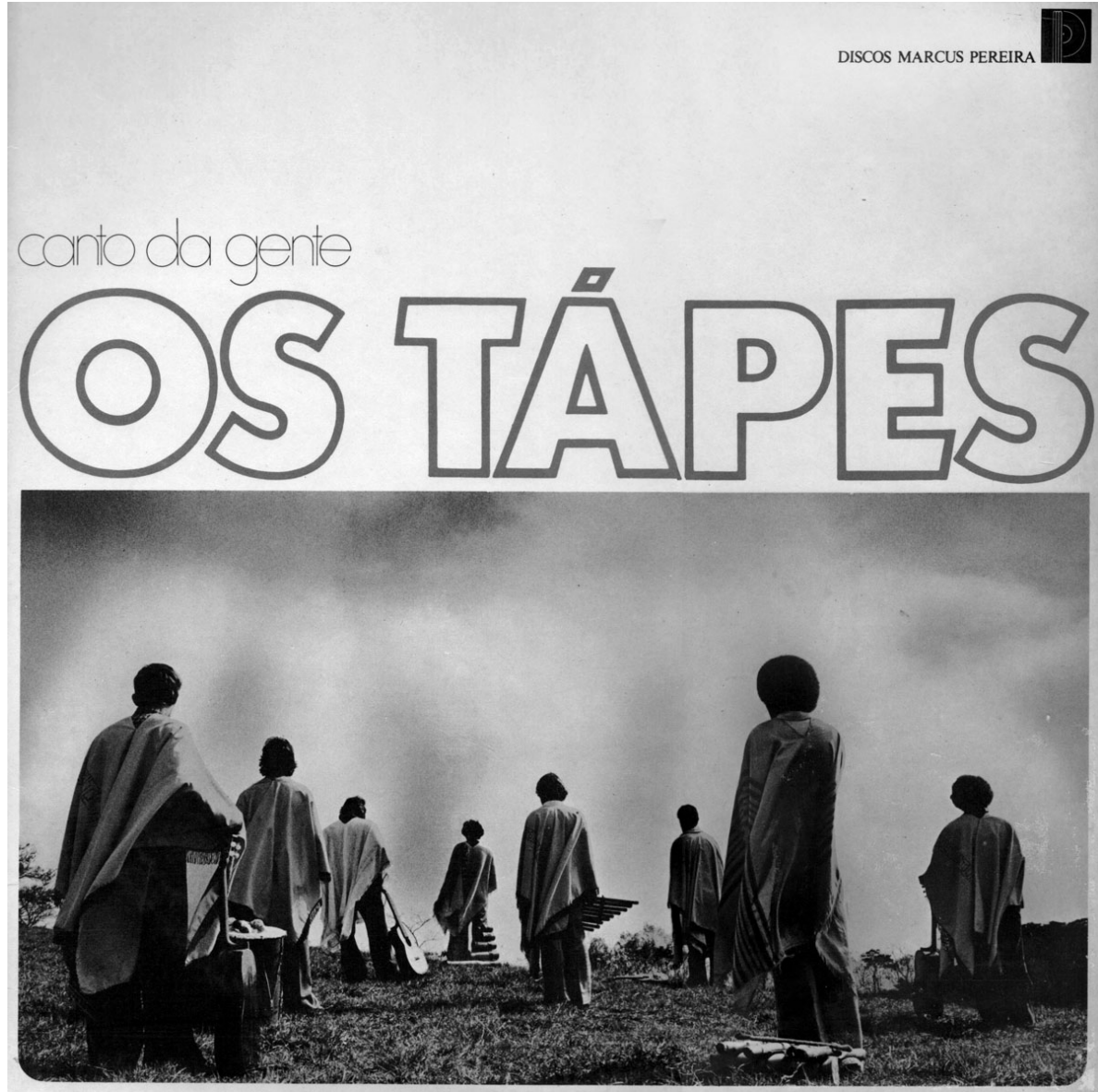


ANEXOS

Capa do disco **Canto da gente** (1975)



Contra-capa do disco Canto da gente (1975)

Andando pelos pagos do Sul, nós encontramos "Os Tapes". Nós os surpreendemos apresentando-se para o povo de Tapes, uma pequena cidade de 7.000 habitantes a 100 km. de Porto Alegre. O espetáculo se realizava num pequeno teatro de 140 lugares que depois subimos ter sido montado pelo grupo a partir de uma velha casa que foi alugada. Os componentes de "Os Tapes" — cuja idade média é 22 anos — são rapazes pobres e estão pagando a reforma do Teatro com o salário de comerciários ou funcionários da prefeitura. Quando o orçamento fica vermelho, eles o colore de azul com o resultado de apresentações que fazem em bailes populares. Para assistir aos "Tapes" não se paga nada no seu teatro. Quem pode dá dois cruzeiros para ajudar nas despesas de conservação. "Os Tapes" são um exemplo inédito de amor à música e ao Brasil. Vinham se recusando a aceitar propostas de gravação, pois envolviam concessões ao que se convencionou chamar de música comercial. "Os Tapes" não estavam interessados, como não estão, em ganhar dinheiro a custa do sacrifício das suas convicções sobre a música popular do Brasil. Como nós também não estamos, "Os Tapes" aceitaram nosso convite, pegaram um Ita aéreo no Sul e vieram gravar o primeiro disco que documenta o trabalho do grupo ao longo de quatro anos.

Os componentes do conjunto tem outras atividades além daquela que os reúne. Ensalam todos os dias, pesquisam, criam e se apresentam para o povo de sua cidade nos fins de semana. Os recursos vocais e instrumentais de que se utilizam estão a serviço de sua arte e de sua criação, e não o contrário. O trabalho de "Os Tapes" deve, pois, ser julgado a partir desta colocação fundamental, considerando ainda o fato de o conjunto não ter podido ainda dedicar-se exclusivamente à ta-

refa comum que, entretanto, é a preocupação fundamental de cada um, pesquisar, criar e interpretar. Quando ouvimos, entre dezenas de fitas gravadas em nossa pesquisa do Sul, a música "Dança da Lagoa do Sol", verificamos ter descoberto algo de muito importante no processo dinâmico que deve ser a arte do povo. "Os Tapes" criaram, no Sul, um caminho que nos leva à música mais expressiva da América Latina, o som nativo quichua e guarani. É a descoberta do elo perdido, é a mão estendida para ampliar a roda da grande ciranda dos povos americanos de cultura latina. As fronteiras políticas não são fronteiras culturais, muito menos para alma andeja da gente do Sul. "Os Tapes" cantam — com suas flautas primitivas e seus curiosos instrumentos fabricados com bambus e taquaras — a música mais latino-americana já criada no Brasil. Já era tempo de o Brasil resumir o seu lugar na grande assembléia permanente da cultura popular da América Latina. As fronteiras políticas são como o muro dos quintais das casas de subúrbios: por cima deles tudo se sabe, tudo se permuta, num processo permanente de intimidade e fraternidade.

Além de conhecer as riquezas da cultura popular do Sul, nós aprendemos com os "Tapes" a fazer churrasco — que eles fazem com fogo e paciência — a fazer arroz de carreteiro — que os condutores de carretas fazem na beira dos caminhos misturando arroz, charrque e o sal que eles dividem com os bois. Aprendemos, sobretudo, a tomar chimarrão, cujo amargo ficou logo adoçado pelo fraterno passar de boca em boca da cula e da bomba. Segundo Elis Regina, gaúcha ausente mas fiel, o chimarrão prolonga a vida. De nossa parte, sabemos que é um diabólico fabricante, de saudade, porque ele aproxima as pessoas. "Os Tapes" trouxeram para São Paulo a sua única riqueza: uma cula e uma bomba que os acom-

panham desde o começo do trabalho comum, uma cula curtidã por rodadas sem conta de erva e de emoção. Eles nos deram a cula e a bomba de presente, no dia em que partiram de volta à sua cidadezinha de Tapes. E, no momento em que, em nome da amizade, se interrompia o giro permanente dessa cula e dessa bomba, eu não soube dizer absolutamente nada, enquanto apertava fortemente a cula com as duas mãos.

MARCUS PEREIRA

OS TAPES

CLAUDIO : Flauta composta, violão,
WALDIR : Violão, viola, flauta solo, vocal, solo
BETO : Bombos • ACY : Viola, violão, vocal solo
percussão • JORGE : Violão, flauta composta, vocal
DARCY : Acordeon, percussão • TUIO : Taquareira,
tumbaqueira • ZEZE : Percussão e flauta solo,

Produção: Carolina Andrade
Técnicos de Som: Marcus Vinicius,
Wilson e Renato
Mixagem: Marcus Vinicius
Estúdio: Vice-Versa
Layout: Tonhilo
Foto de Capa: Fausto



DISCOS MARCUS PEREIRA
MPL-1029 1975 DISCO É CULTURA
SCDP 024-DPF ESTÉREO

FACE A

1. DANÇA DA LAGOA DO SOL (J. Waldir S. Garcia) — tema de inspiração indígena — 2:05
2. CARRETÁ (Jorge L. Ferreira e Acy T. Vieira) — carrerada — 3:42
3. JANAÍTA (Cláudio B. Garcia e J. Waldir S. Garcia) — milonga — 3:54
4. VERSOS PERPLEXOS (Cláudio B. Garcia e Jorge L. Ferreira) — milonga — 3:33
5. CHERAÇAR Y APACUY (Cláudio B. Garcia) — tema de lenda missioneira — 5:29

FACE B

1. GAUCHE (Cláudio B. Garcia e Rafael Koler) — tema de lenda pampeana — 2:33
2. HOMENS DE PRETO (Paulo Ruschel) — cena gaúcha — 3:20
3. PEDRO GUARÁ (Cláudio B. Garcia e J. Cláudio L. Machado) — milonga pampeana — 3:12
4. BARQUEIRO (Cláudio B. Garcia) — tema de lagoa — 3:17
5. CANTO DA GENTE (Alvaro B. Cardoso e J. Waldir S. Garcia) — milonga — 3:17
6. CONTINENTE AMERICANO (Cláudio B. Garcia) — tema latino americano — 3:52

Discos Marcus Pereira desenvolve seu trabalho graças ao apoio financeiro do FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos



Capa do disco **Não tá morto quem peleia** (1980)



Contra-capa do disco **Não tá morto quem peleia** (1980)



Profundo respeito
a todos os músicos
de todos os tempos.
Balnear
07/08/90/89

OS TÁPES

Descobrimos "Os Tápes" na pesquisa que fizemos para produzir a coleção "Música Popular do Sul". Foi, talvez, a maior surpresa que tivemos, a de encontrar, em "Tápes", a 100 km de Porto Alegre, um grupo que, em 1975, vinha, há anos, pesquisando, re-elaborando e compondo a partir da música popular e folclórica de sua terra. A participação de "Os Tápes" foi grande e importante na coleção do Sul. Em 1975, gravamos com o grupo um LP que intitulei "Os Tápes", e coloquei acento no "a" porque a língua inglesa é muito prestigiada nesta nossa terra. O grupo prossegue, amador como todos que não concordam em conceder, mas com um trabalho e um desempenho que supera a de muitos profissionais. Particularmente este disco, extraído de um espetáculo de grande sucesso em Porto Alegre - como foi antes "Americantio" - , registra o que de mais representativo e belo produziu a cultura popular musical do Rio Grande do Sul. É um disco exemplo de nacionalidade - porque a nacionalidade é a soma das regionalidades - e Waldir e Cláudio, que cito como representantes deste grupo raro, obstinam-se em serem brasileiros. Porque prá ser brasileiro é preciso muita teimosia. É Norton Correa, produtor, pesquisador e estimulador do grupo, cuja amizade me honra, não faz o que faz apenas com teimosia, faz também com muitas privações. Mas, se mais vale um gosto do que três vinténs, que punhado de vinténs perdemos todos em favor desse gosto enorme de editar este álbum duplo, belo e didático, comovente e educativo para o qual a menor contribuição é a minha! "Não está morto quem peleia" é um exemplo neste País de tantos cadáveres ambulantes adiados, como disse o poeta. A cura de chimarrão e a bomba que o grupo me deu de presente, há cinco anos - e que era uma espécie de troféu da luta já de tanto tempo do grupo "Os Tápes" - não passa mais de mão em mão o mate amargo. Guarda a doçura da nossa amizade, da nossa identidade e da nossa aliança.

MARCUS PEREIRA

FICHA TÉCNICA

Produção: Discos Marcus Pereira
Direção Artística: Marcus Vinícius
Direção de Produção: Norton Correa
Estúdio: ISAEC (Porto Alegre)
Fotos: Sílvio Luiz Rebello e Denusa
Lay-out: Anibal Monteiro
Gravado em junho de 1980

LADO A

- 1- BUGIO
- 2- VANERA
- 3- DORES DE CAMAQUÃ
- 4- CANTIGAS DO QUICUMBI
- 5- TROVAS
- 6- TERNO-DE-REIS DE TAPES
- 7- CANTIGAS DO MAÇAMBIQUE

LADO B

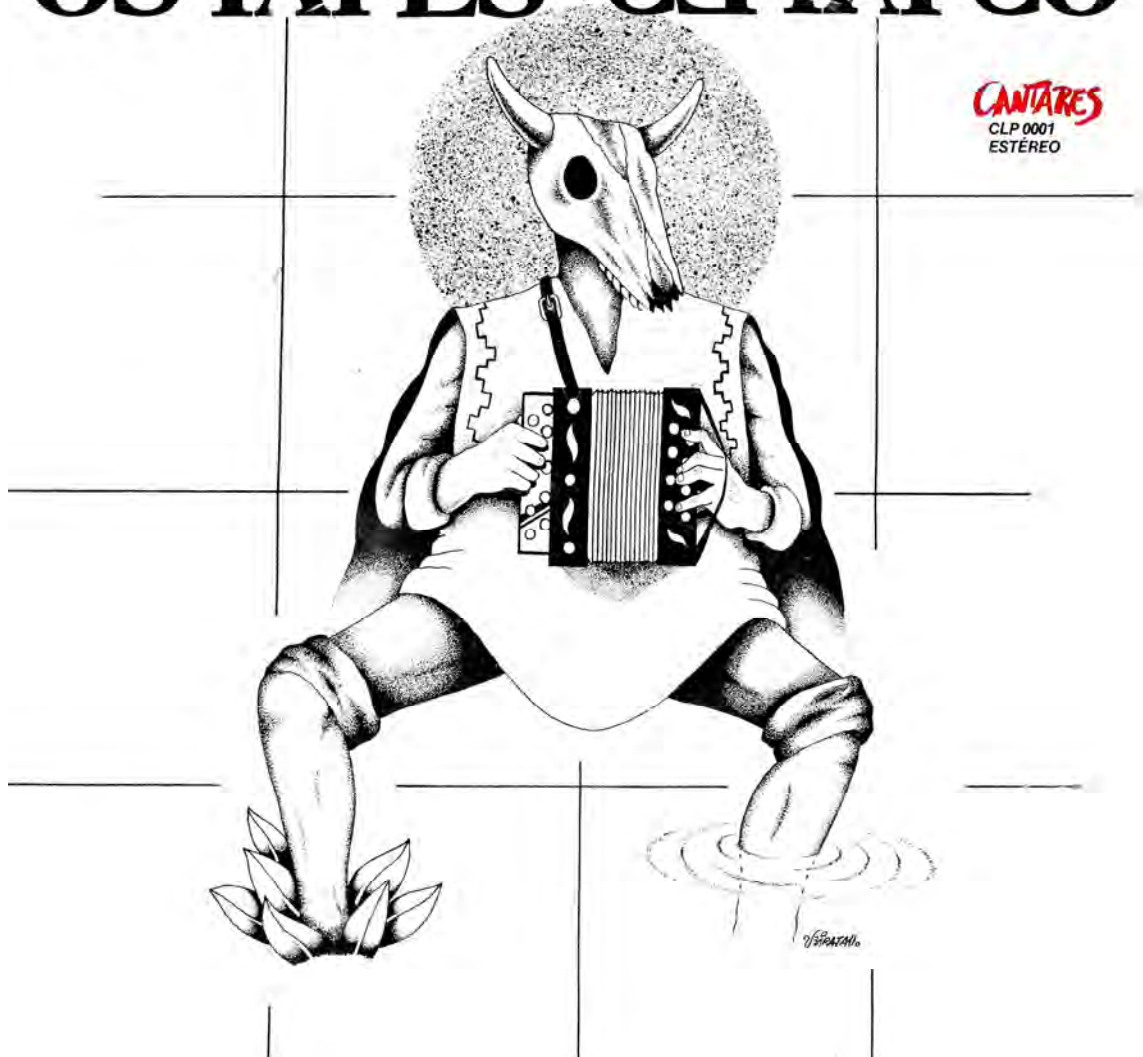
- 1- MARCHA DO EMBOABA
- 2- SERROTE E RANCHEIRA
- 3- TRINTA ANOS
- 4- CHOTE INGLÊS
- 5- MAZURCA
- 6- TERNO-DE-REIS DA VILA
- 7- MILONGA

M P A-9417 também disponível em mini-cassete nº 10417
Este disco foi gravado e autorizado por Discos Marcus Pereira, empresa financiada pela FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, Fabricado e distribuído no Brasil pela SOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A. (Discos Copacabana) - Rua Eugênia S. Vitale, 173 - S. Bernardo do Campo (Rudge Ramos) - S. P.
© 1980 DISCO E CULTURA INDUSTRIA BRASILEIRA MADE IN BRAZIL

Capa do disco Os Tapes (1982)

OS TAPES | 20 TAPES

CANTARES
CLP 0001
ESTÉREO



Contra-capa do disco **Os Tapes** (1982)

CANTARES
CLP 0001
ESTÉREO

OS TAPES 2E9PAT 20

É desnecessário perguntar quantas gargantas estão caladas. Então, que infinidade de talentos ganha, na expressão de canto e hino, no instante em que os Tapes entoam esta sinfonia dos povos! A cada nota despe-se o poncho que veste de escuridão os homens do Continente. Um som de resistência constrói melodias de luta. Nas entranhas da própria letargia aparente há uma voz de, numa linguagem de berimbau, quena, legüero, viola, violão, cavaquinho, sicuri, tamboroca, irmanando os sonhos daqueles que têm realidades idênticas, num canto perspectivo. Quanto, as histórias os Tapes unem em El Condor Pasa!...

No sua pequena cidade mantém desfraldada, com impressionante coerência, a bandeira de sua arte, o mastro que sustenta esta bandeira espalha-se além do universo de seu próprio mundo — nas raízes dos homens latino-americanos. Bebem sua essência na infinda lagoa de devotações da América. Navegam em seus conflitos. Deles retiram as ondas pra navegar. Seus rostos de tristeza, alegria e história golpeiam das raízes para o futuro.

Durante sua existência, os Tapes estiveram trançando o laço que, juntamente com todos os outros, tentos coerentes e artísticos, apressilha a cada momento nas mãos do povo: "a hora e a vez" da música rio-grandense. Neste trabalho, também transforma-se em instrumento sensível dos participantes. **Um Doutor**, por exemplo, dá forma musical aos depoimentos reais. A vertente do rock traz as águas que lavam as feridas da dominação. Somente um filtro como o grupo Os Tapes é capaz de apanhar o conflito inserido na manifestação popular, alcançando-o à sua realidade.

Como grupo criador e intérprete, há uma especificidade e uma grandeza que o distingue. A capacidade de expressar o **particular** (no caso, o regional), conseguindo, através dele, abranger a **universalidade** que caracteriza necessariamente a boa arte.

Tau Golin



LADO A

- 1) Versos de Itapoã à São José
(Claudio B. Garcia)
- 2) Olegário
(Otacílio A. Meirelles)
- 3) Virgenes Del Sol
(Moisés Vivanco)
- 4) Um Doutor
(Claudio B. Garcia)
- 5) Mazurca
(D.P.-recop. Os Tapes)
- 6) Canción Para Despertar Un Negroito
(Nicolás Guillén - César Isella)

LADO B

- 1) Tema do Sabiá
(José Artur Rebelo -ACY Terres Vieira - Darci Dias Pacheco - José Túlio Prestes - Claudio B. Garcia)
- 2) Zamba Sem Porto
(Claudio B. Garcia)
- 3) El Condor Pasa
(Daniel Alomía Robles)
- 4) Soneto 93
(Pablo Neruda - César Isella)
- 5) Marcha do Emboada
(Correia da Cunha)

Ficha Técnica

Produtor Fonográfico: CANTARES - Empreendimentos Culturais
Direção de Produção: Martin Coplas
Direção Musical: Os Tapes
Técnico de Gravação: Michel
Mixagem: Os Tapes - Michel
Assistente de Estúdio: Carlos Cabral
Programação Visual: Ubiratan Carlos Gomes

DISCO E CULTURA
também em cassete

Uma realização CANTARES - Empreendimentos Culturais Ltda. • Av. Basfian nº 489 - conj. 21 • Fone: 33 6486 • C.G.C.M.F.: 37.801.445/0001-59 • CEP 90000 • POA • RS • INDÚSTRIA BRASILEIRA

JORNAIS ANALISADOS

28 DE AGOSTO DE 1972

SOM-IMAGEM

Este grupo está renovando
a nossa música regionalista

O Grupo Cultural de Pesquisa Nativa "Os Tapes" está se apresentando hoje, a partir das 21 horas, no Teatro de Câmara, num espetáculo que conta ainda com a participação da equipe de danças do CTO 25. Formada há menos de um ano, na cidade de Tapes (daí a escolha do nome) este grupo vem dando outra dimensão à música gaúcha. Preocupados com a influência exercida na formação cultural do habitante do RS, por um folclore mais amplo, "Os Tapes" estão perfeitamente identificados com o folclore do Grande Pampa. Embora seu repertório possua basicamente ritmos e temas novos, eles conhecem como ninguém a música de outros povos.

Possuindo um esquema vocal-instrumental dos melhores (dois violões, bombo nativo, serrote, bandoneon, flauta indígena) o grupo é formado por José Valdir, José Cláudio, Rafael e Luís Alberto Koeller e Cláudio Garcia e já estreou em PA no Teatro de Câmara, há mais de um mês, com seu espetáculo "Canto da Gente", que tem como tema principal a Revolução Farroupilha.

Assim "Os Tapes" definem este seu primeiro trabalho: "Estes versos fáceis, sem manguelra, sem breje, galopiam reportados por uma gana chuera de cantar. São canções que carretavam lembranças distantes ou rememoram acontecimentos recentes, empoeirados por estes caminhos difíceis e muitas vezes solitários pelos quais passam como estranhos, gente e acontecimentos do mesmo pago".

"São canções sem fronteira de tempo e de língua, pois o canto há de ser livre e desalibrado como um pássaro que voa, canta e pousa em qualquer pago. Estes versos e estas vozes galopiam pelo passado, rumbelam por caminhos, caminhos de ontem e de hoje. Se misturam com o povo, sentem e contam as penas, as dores, a guerra, a paz, a esperança, o amor da gente que sempre há de cantar."



"Os Tapes"

Osvil Lopes

Fatos e prêmios da II Califórnia da Canção

Muito melhor que a primeira, não tão boa, se espera, como a próxima, encerrou domingo último, em Uruguatana, a II Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Promovida pelo CTG Sinuelo do Pago, com o apoio de empresas particulares, como a Pianko, que ofereceu viagem e estadia para o júri e convidadas especiais, a Califórnia pretende ser uma espécie de laboratório de pesquisas, onde anualmente conjuntos folclóricos de todo Estado possam mostrar o trabalho que realizaram. Este ano aproximadamente cem músicas foram escritas e trinta e seis classificadas. Assim, dia sete, quinta-feira passada, começou a II Califórnia.

Como toda promoção deste tipo a Califórnia apresenta aspectos positivos e negativos. Cabe, portanto, um balanço e um julgamento. Como julgar, porém, a primeira promoção capaz de fazer com que a música gaúcha saia do marasmo em que se encontra e parta para algo mais vivo, vibrante? Impossível, ao menos com honestidade. O fiel da balança pendê (e pendê sempre) para o lado positivo. Os erros, as falhas, quando de parte da organização, podem ser facilmente corrigidos. Por exemplo, o sumário traça de rasoar que ficou no lugar do apresentador por um profissional de gabarito seria suficiente para tornar os espetáculos da Califórnia muito mais vivos, vibrantes, inteligentes. E nem sairia tão caro, visto que mesmo em Uruguatana devem haver centenas de apresentadores melhores e menos narcisistas do que o referido rapaz que comandou o espetáculo.

JURI

O sistema classificatório da Califórnia funciona exatamente como o de qualquer festival do tipo. Uma comissão (que permanecerá no anonimato) seleciona entre todas as inscritas as que participarão das finais. Daí em diante o problema é com o júri público, que senta na primeira fila e passa todos os espetáculos sob ameaça de agressão de algum desagostoso menos controlado. Isso acontece em Nova York, no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre. Uruguatana não foi diferente, e o júri, aplaudido no início e vaiado no final, foi formado por Jarbas Cabral, Luiz Telles, Glaucus Saraiva, Osmar Melletti, Antonieta Barreto, Paulo Cortez e Roberto Eggers.

Durante as três noites das semifinais, quinta, sexta e sábado, a platéia conservou-se relativamente calma, aplaudindo todos por igual. Demais,

pes, cantando uma zona pouco explorada em nosso cancionário. Muito boa.

12.º Lugar: "Canto de Amália", de Ernesto Garcia Coelho. Repetitiva em demasia, torna-se monotona e arrastada. Fraca.

11.º Lugar: "Poema Nucleo do Insatisfeito", de Colmar Duarte e Júlio Machado da Silva Filho. Razoável, foi bastante prejudicada pela interpretação.

10.º Lugar: "Canção do Andarango", de Guilherme Schultz Filho. Interessante, chega perto do perigoso limite da grossura, mas consegue evitar a queda.

9.º Lugar: "Canto de Amor Para Uma Flor Sem Nome", de Colmar Pereira e Júlio Machado da Silva Filho. Além de uma péssima interpretação, com flores artificiais sendo atirada languidamente no palco e a cantora puxando muito mais do que a voz poderia dar, uma música torta, feia. Os versos são bem melhores do que a melodia. Muito aplaudida por ser da terra e contar com grande torcida organizada. Fraca.

8.º Lugar: "Peão Velho", de Alvaro Barbosa Cardoso e José Cláudio L. Machado. Outra dos "Tapes", "Peão Velho" foi tranquilamente a melhor melodia da Califórnia. Inicia com um desenvolvimento excepcional. Muito boa, muito bonita.

7.º Lugar: "Canto e Lamento do Velho Semeador", de Luiz Martino Coronel e Luiz Marcilio Machado. Uma das melhores letras, foi tremendamente prejudicada pela interpretação e falta de ensaio. A melodia poderia ter sido mais desenvolvida, melhor trabalhada.

6.º Lugar: "Cantiga de Ausência", de Luiz Menezes. Boa, mas velha. Não traz absolutamente nenhuma contribuição, nenhuma novidade.

5.º Lugar: "Morada", de Paulo Ruschel. A grande injustiçada, pois sempre há uma. Merece um lugar bem melhor, entre os três primeiros. Um caminho totalmente novo (lembra Mutantes), por isso mesmo chocante. Muito boa, muito boa mesmo. Letra, música, arranjo e interpretação de primeira qualidade.

4.º Lugar: "Cantiga de Rio e Remo", de Aparício Silva Rilto e José G. Lewis Bicca. De longe a mais comunicativa. Um chute de transição, se não traz novidades também não retrocede. Interessante, gostosa.

3.º Lugar: "Canto de Aurora", de José Machado Leal e Valdir Pinheiro. Podia trocar

de lugar com "Morada". Mesmo assim, bonita...

2.º Lugar: "Gaudêncio 7 Luas", de Luiz Martino Coronel e Marco Aurélio Vasconcelos. Uma das três melhores, talvez a mais bem situada em colocação, pode ser tocada em qualquer lugar, qualquer festival. A mais internacional de todas as que se apresentaram nas três noites.

1.º Lugar: "Pedro Guará", de Carlos Boeira Garcia e José Cláudio Leite Machado. Séria, bonita, sóbria, melancólica, mereceu o primeiro lugar com tranquilidade. Melodia e letra perfeitamente enquadradas, interpretação perfeita. Afirmção dos "Tapes" como o melhor conjunto de pesquisa folclórica do momento. Muito bonita, prêmio perfeito.

PREMIOS

O primeiro colocado da Califórnia, no caso "Pedro Guará", recebeu a "Calhandra de Ouro", que fica em seu poder durante um ano. A posse definitiva só será possível com obtenção de três vitórias seguidas ou cinco espacadas. Ao devolver a "Calhandra de Ouro" o conjunto que a detinha recebe a "Calhandra de Bronze", que não precisará ser mais devolvida. Além da melhor música premiada com dez mil reais, a Califórnia ofereceu ainda prêmios em vinte e cinco categorias: "Melhor Interpretador Masculino" (Leopoldo Rassier, "Gaudêncio 7 Luas"), "Melhor Interpretador Feminino" (Lucia Helena, "Gaudêncio 7 Luas"), "Melhor Conjunto Vocal" (Os Tapes), "Melhor Conjunto Instrumental" (Os Tapes), "Melhor Arranjo" (Beto Ruschel, "Morada") e um prêmio especial, outorgado aos "Tapes" em reconhecimento ao trabalho de pesquisa que vêm realizando.

NEY GASTAL

Um Rembrandt foi recuperado

BERLIM OCIDENTAL, 11 (UPI) — A polícia germano-occidental informou, esta tarde, que recuperou o quadro de Rembrandt "A Fuga da Sagrada Família para o Egito", roubado de um museu em Tours, França, em dezembro de 1971. A tela foi recuperada após a prisão de um escultor de Berlim Ocidental, que a tinha vendido por cem mil marcos. Não foram revelados os nomes do escultor e do comprador.



TEXTO DE DANILO UCHA

Sexta-feira passada, a Rádio Tapense esqueceu que tinha comerciais, programas noticiosos e o tradicional tango e boleros dos fins de tarde. Começou às 14 horas um programa com Marcus Pereira, Carolina Andrade e Os Tapes e só foi para-lo às 17h30min, porque o pessoal não aguentava mais de tanto falar. Sábado, o operador colocou o primeiro disco da coleção Folelore do Sul. À mesma hora, e o locutor só falou quase três horas depois. Novamente foram esquecidos os comerciais e os informativos. Mas ninguém reclamou, nem os anunciantes nem os ouvintes.

Ocorre que a pequena cidade de Tapes (7 mil habitantes, 102 quilômetros de Porto Alegre, as margens da Lagoa dos Patos), está completamente envolvida num processo muito singular de magia. A magia da música que alguns de seus filhos foram buscar nos antepassados mais remotos dos gaúchos — os índios tape ou charruas, minuanos ou guaranis, o peão velho de estância ou o gaúcho sem horizontes — e trouxeram, recriada e nova, mas sempre com gosto de terra e pasto, para os nossos dias tão alienados. É a verdadeira cultura popular rio-grandense que está ali sem esconder influências, seja indígena, espanhola, portuguesa, negra, alemã ou italiana. Todos esses elementos, em seus momentos e em suas medidas, fizeram o Rio Grande do Sul.

Por entender assim, por pesquisar para dar sentido e honestidade a seu trabalho, foi que Os Tapes, conjunto formado por cinco rapazes em outubro de 1971, conseguiu ultrapassar as barreiras que se formaram contra a música regional gaúcha, nos últimos anos, dentro do próprio Rio Grande do Sul. Fora daqui, então, nem se fala.

Hoje, eles são onze, mas podem ser mais, pois segundo um de seus líderes, José Waldir Souza Garcia, "Os Tapes já é um estado de espírito". Esse estado de espírito emocionou Carolina Andrade, pesquisadora da Gravadora Marcus Pereira que está fazendo o mapeamento da música popular brasileira e já editou coleções de discos do folclore nordestino, do centro-oeste e da região sul. Quando pesquisava para esta última coleção foi que ela descobriu Os Tapes. Conquistada, levou-os a Marcus Pereira que, por sua vez, não apenas exigiu que o grupo participasse de várias faixas da coleção, como também destinou em elepê só para eles.

Para comemorar o lançamento destes discos — feito dia 2 em Porto Alegre — e o quarto aniversário do grupo foi que Marcus Pereira, Carolina Andrade, os integrantes do conjunto, jornalistas e vários artistas reuniram-se em Tapes. Houve muito chimarrão, churrasco, músicas. E muito papo. Estavam lá Paixão Cortes, Luiz Coronel, Marco Aurélio Vasconcelos, Martin Coplas, Leopoldo Rasser, o repentista Paulo Martins, Sadi da Acordeona, Ataíde Barros e Henrique Freitas Lima.

"Sentimos que era a melhor coisa que tínhamos realizado"

"Não houve propriamente uma confirmação — dizia Marcus Pereira —, foi uma surpresa muito grande a riqueza da cultura

do sul que a gente coube na pesquisa, no processo de seleção e, afinal, quando o trabalho ficou pronto. Nós sentimos que era a melhor coisa que tínhamos feito, mas não cabia a nós dizer isso. Acontece que a imprensa de São Paulo e do Rio disse isso. A de Porto Alegre, nem precisa citar, que esta é suspeita".

Claudio Bocira, aos 32 anos, é o mais velho integrante do conjunto. Vive de seu pequeno salário de professor rural e tem uma crença muito firme naquilo que está fazendo.

"Acho que essa badalação toda, esse disco, representa uma premiação das convicções da gente — afirma Cláudio —, pois sempre acreditamos nas posições que defendemos, que é necessário um processo de interiorização profunda das raízes onde a gente brotou, onde nasceu, se firmou e se fixou. Acreditamos, também, que aquelas coisas que são nossas não necessariamente são negação das boas coisas que são dos outros. Cada região tem um processo cultural bastante específico, tem uma série de valores que, a partir de assumidos, possibilitam o encontro de uma cultura mais nacional e uma cultura universal".

José Waldir Souza Garcia, outros dos integrantes que se mantêm firme desde a fundação do grupo, é funcionário municipal e, como os demais, estreitamente ligado à sua terra. Não desdenha a capital, os grandes centros, mas prefere a tranquilidade do interior para suas pesquisas.

"O trabalho está aí — salienta José Waldir — e a gente acredita nele. Se não é bom, pelo menos é honesto, nasceu de dentro da gente mesmo. O elepê é um registro ótimo de tudo aquilo que a gente vem fazendo há quatro anos. É importante ressaltar que, apesar do Cláudio e de termos passado dos 30, o espírito nunca envelheceu dentro do grupo. O Tuto tem apenas 16 anos e entrou com uma maturidade incrível para o trabalho".

"O país é culturalmente colonizado, mas o povo gosta de sua música"

Lançar uma gravadora para viver exclusivamente da cultura nacional sempre foi considerada uma arriscada aventura no Brasil. Marcus Pereira diz que vinha sendo uma aventura para eles, passou a ser um negócio e "agora está com perspectivas de ser um grande negócio".

"Mercado existe — observa Carolina Andrade — e é mentirosa a afirmação de que o pessoal não gosta de música com raízes populares. Há uma quantidade enorme de gente que gosta da música brasileira e que compra. Mas reconheço que a situação de um país como o nosso, que é culturalmente colonizado, é muito complicada. Você pega a televisão, a trilha sonora de televisão, pega o rádio, os jingles publicitários e em tudo isso está presente a música estrangeira. Isso vai, aos poucos, minando o consumidor, que se habitua, se familiariza com a música estrangeira. E preciso considerar, também, que a música estrangeira passou a ter conotação de status. O cara que conhece, que está por dentro dos últimos lançamentos dos Estados Unidos, tem uma certa importância no grupo.

Conhecer música brasileira não tem significado algum. Há uma visão deformada e viciada das coisas".

"Temos indícios — complementa Marcus Pereira — de que o nosso trabalho é vitorioso definitivamente. O disco do Artur Moreira Lima gravando Nazareth que nós lançamos vendeu 5 mil álbuns, 10 mil discos, em 15 dias. Há mercado para a cultura do Brasil. Ela não tem aparecido mais porque quem ocupa o mercado são empresas não brasileiras interessadas em lucro e não no Brasil. Vencendo aqui no Brasil música estrangeira, música produzida pela matriz, o lucro é muito maior. No fundo, todo mundo torce pelo Brasil. São as multinacionais que não".

"Uma riqueza incrível em todos os sentidos, até mesmo na comida"

Enquanto falava de seus projetos futuros, sentindo-se gratificado pela receptividade que encontrou no sul, Marcus Pereira, quase não podia conter-se. De surpresa em surpresa, ouvindo artistas já conhecidos aqui e ignorados sanfoniros que vieram do interior para homenagear Os Tapes, não cansava de ressaltar a riqueza humana e artística dos pagos. "Vimos para cá — repetia — fazer apenas o trabalho de divulgação e, a Carolina sabe disso, eu não aguento mais de emoção, não aguento mais de surpresas. Estou levando cinco cassettes e ainda não gravei o Ailton Pimentel, não gravei o Luiz Menezes, não gravei o Marco Aurélio Vasconcelos. Realmente, é um celeiro muito, muito, muito rico, quem sabe o mais rico do Brasil. Neste momento nem tenho condições de opinar com muita serenidade. É uma riqueza incrível em todos os sentidos. Até na comida. Eu tinha emagrecido oito quilos porque estive doente e, nestes poucos dias aqui, engordei dez quilos".

"Uma coisa que eu acho que é muito importante é que eu senti em toda parte por onde andei para fazer a coleção do sul — no Rio Grande, no Paraná e em Santa Catarina — é uma grande receptividade do povo — acrescentou Carolina Andrade —, uma doação total, um interesse em ajudar que me moveu em inúmeros momentos. Tive a sensação, a certeza, de que este pessoal está esperando por uma oportunidade de mostrar as coisas que sabe fazer".

"Profissionalização é um caminho, mas pode afastar-nos do povo"

Embora ainda seja um pouco cedo para falar sobre a receptividade do consumidor de discos em relação à Coleção Folelore do Sul e ao disco de Os Tapes, o grupo está se preparando, artística e psicologicamente, para enfrentar o futuro. São jovens simples, que gostam de chimarrão e de uma



cachecinha do Sertão de Santana, e assim continuarão. A proposta de possíveis deslocamentos já responderam: para cada dois meses fora, é preciso passar quatro em Tapes. "Disco no Brasil é registro — observa José Waldir — e dificilmente dá dinheiro. Só para os consagrados, que vendem mais de cem mil cópias. Nosso trabalho é novo e inovador e nunca venderá isso, mas sua divulgação abrirá perspectiva como prestígio dentro do mercado consumidor de espetáculos, afastará dificuldades. Já estamos fazendo estas quatro apresentações para a Prefeitura de Porto Alegre (Teatro de Câmara), é possível que em 76 entremos no esquema DAC-SEC para o interior do Estado; e o Marcus, que está montando um esquema de empreendimento, já nos falou em possibilidade de ir ao Teatro João Caetano, no Rio, e em apresentações em São Paulo".

"Talvez dê uma abertura para a gente se dedicar com mais intensidade — salienta Cláudio Boeira Garcia —, mas acho importante ter muito cuidado num momento destes. Uma gravação bem aceita poderá abrir possibilidade de uma profissionalização e, aí, correr o risco de cortar o contato, abandonar o convívio com o povo, com uma vivência mais real e concreta, para cair num laboratório. A gente perderia contato com as fontes de vida que é o próprio povo, no seu sofrimento, na sua luta, na batalha do dia-a-dia, e passaria a fazer um tipo de música que em pouco tempo se esgotaria e se esvaziaria, caindo no nada. Teremos que pensar muito antes de qualquer decisão para ver se conseguimos um equilíbrio".

"O processo de arte não pode ser totalmente fechado em si mesmo"

Cláudio ressalta, porém, que o grupo tem material suficiente para mais quatro ou cinco epiques dentro das mesmas condições e das mesmas formas de expressão. Não foi o caso de fazerem uma música de grande comunicação e depois terem de rapidamente produzir outras para atender as solicitações do sucesso.

"Sempre pensamos — diz Cláudio — que não adiantava gravar um epipe se não houvesse uma estrutura anteriormente preparada. Temos uma boa bagagem de trabalho e continuamos pesquisando, elaborando. Não temos pressa, embora reconheçamos que o processo da arte não pode ser totalmente fechado dentro de si. Na medida em que o povo exige que a gente mostre, que tenha necessidade de ouvir o testemunho da gente, eu acho válida a profissionalização. Mas, temos que cuidar para que isso, as propostas de que o trabalho seja mostrado em nível nacional, não nos desvincule de nossa realidade. Não é momento de abandonar profissões ou o convívio rural. É momento de reflexão".

"Os Tapes é difícil de programar — informa José Waldir — pois é como um ninho de vespas, sempre em ebulição. Agora mesmo, a gente resolveu retomar a ideia antiga de um trabalho uno sobre os indígenas e surgiu Americano. O

Cláudio escreveu o texto, o Acy fez música, o Jorge fez música, todos trabalhamos no arranjo e resultou numa das melhores coisas que a gente fez até agora, uma reflexão sobre nossos antepassados remotos".

"Não nos interessa — observa Cláudio — chegarmos à massa em nível impessoal, como através de uma imagem de tevê ou foto grande em jornal. A medida que o contato não se torna pessoal, quando não se discute, quando o público não nos sente como pessoas normais e humanas, mas sim como artista, como alguém que está distante, nenhum trabalho terá fundamentação. Os ídolos fabricados são destruídos com a mesma facilidade com que são criados. Um trabalho que se cria a partir de um contato pessoal, a partir de um testemunho, de uma documentação quase pessoal das intenções da gente, num tu a tu com todo mundo, aí sim, é algo de real valor".

"Três pessoas abriram as primeiras portas da divulgação total"

Os Tapes sempre obtiveram, ora menor ora maior, o apoio de sua comunidade. Fora dela, destacam três pessoas que acreditaram desde o início em seu trabalho e deram força. Através delas vieram os demais.

"Primeiro, — informa José Waldir — o Eri Acenato, que nos levou para o Teatro de Câmara com Vida, Cisma e Canto de um Farrapo; depois, Henrique Dias de Freitas Lima, que acreditou em nosso trabalho e, embora ele não se enquadrasse num festival como a Califórnia da Canção, deu um jeito de colocá-lo, pelo menos, para amostragem; terceiro, o Osvald Lopes, que foi o primeiro cara que nos deu espaço em jornal. Ele veio aqui, conversou conosco, mas nós não acreditávamos que fosse publicar alguma coisa, não tínhamos força suficiente para puxar uma reportagem. Ele publicou duas páginas sobre a gente e, através dele, te conhecemos a ti e todo o pessoal de jornal aqui do sul, que sempre nos deu força".



ERAM CINCO, HOJE SÃO ONZE.

Em outubro de 1971, quando a existência do grupo foi oficializada, Os Tapes compunha-se de cinco elementos: José Waldir Souza Garcia, Cláudio Boeira Garcia, José Cláudio Leite Machado, Rafael e Luiz Alberto Koler. Mais tarde, Zé Cláudio afastou-se do grupo. Em 74, foi a vez de Rafael e Luiz Alberto Koler, que saíram para formar o Terra 5, com o mesmo objetivo de trabalho mas com uma visão diferente sobre a maneira de apresentá-lo ao público. O novo grupo não conseguiu se manter e hoje Rafael, unido a Zé Cláudio, encontra-se em Os Teatinos, conjunto liderado por Glênio Fagundes; Luiz Alberto dedicou-se a carreira de modelo de propaganda.

As defecções não intimidaram José Waldir e Cláudio que recrutaram, em Tapes mesmo, rapazes que já gostavam de música e haviam tocado, num momento ou outro, nos conjuntos locais Sambaqui (de samba, é claro) e Gees (voltado para o som rural). Os rapazes foram conquistados pelo espírito de pesquisa e seriedade proposto pelo grupo e hoje estão perfeitamente integrados como instrumentistas, compositores e vocalistas. É importante ressaltar que Os Tapes, que já tinham uma marca de originalidade por fabricarem a maioria dos seus instrumentos musicais, encontraram nos novos integrantes outros artefatos dispostos a procurar sons nos materiais mais simples da natureza, como taquaras, cuias, porongos, cascos de animais e objetos de barro.

Os ensaios eram realizados ora na casa de um, ora de outro. Às vezes até às margens da Lagoa dos Patos. Este ano, depois de muita economia de cada um, que abriu mão de qualquer dinheiro a que tivesse direito por apresentação ou doação, eles conseguiram alugar uma casa rústica e transformaram-na num teatro de arena com 80 lugares. Tudo foi feito por eles — dos bancos à pintura — para que tivessem um lugar para ensaiar, promover apresentações abertas a todo o povo e para oferecer aos artistas visitantes. Foi ali que Carolina Andrade os encontrou e se apaixonou pelo seu trabalho.

Os dois que restaram cresceram para onze e, segundo José Waldir, podem ser mais. Basta perfilar o espírito do grupo. Além de José Waldir (que toca violão, flautas, faz vocal e as falas necessárias) e de Cláudio (violão, flautas, vocal e efeitos sonoros), Os Tapes hoje são compostos por Jorge Luiz Ferreira (violão, viola, flautas compostas, percussão), Jorge Alberto Gonçalves (bombo, percussão, vocal), Manoel Acy Terres Vieira (violão, viola, vocal, percussão, flauta), José Julio Prestes (percussão, flautas, vocal), José Artur Rebelo da Rosa (taqueira, tambaquiara, porongada, vocal, percussão), Darcy Pacheco (percussão, estribo, efeitos sonoros, vocal), Silvio Luiz Pereira (sonorização), Reni Gonçalves (auxiliar geral) e Alvaro Barbosa Cardoso, letrista de Peão Velho.



O grupo "Os Tapes" surgiu profissionalmente há quase quatro anos, em função de um movimento novo (ao menos o grupo entendia como novo) na música do Rio Grande do Sul, que foi a Califórnia da Canção Nativa, apresentada em Uruguaiana. Quando leram os estatutos desse festival, acharam que finalmente dava-se a abertura de caminhos para a nossa pouco incentivada música regional. Desde, é claro, que não ficassem apenas em teoria. Com a intenção de coordenar todos os grupos que faziam arte no Rio Grande do Sul, principalmente música, e a partir de debates e proposições oferecidas pelos compositores, chegaram a caminhos mais claros para a música de nosso estado, a

Califórnia surgia como um incentivo aos regionalistas.

—“Pensamos em testar se aquilo a que a Califórnia teoricamente se propunha seria levado à prática, se haveria mesmo um apoio às demonstrações de versatilidade em nossa canção nativa. Afinal, que ríamos a certeza de que ela não seria apenas um festival de música a mais, só que com um nome diferente. Tanto que inscrevemos uma música de 25 minutos de nome “Vida, Cisma e Canto de um Farrapo” (nosso primeiro trabalho apresentado em público). Felizmente, esse trabalho foi aceito como música concorrente. Não ficou entre as primeiras colocadas, mas foi reconhecida como um

trabalho em si. O mais importante foi a possibilidade que tivemos de mostrá-la e sua aceitação como uma contribuição e manifestação verdadeira, apesar de possuir um caráter completamente inovador. Trata-se de uma música que varia em três ritmos diferentes e ainda com duração de 25 minutos. Apesar disso, fomos premiados com uma Menção Especial e tivemos a oportunidade de representá-la na finalíssima do festival. Nesse ponto a Califórnia correspondeu as nossas expectativas.”

Nos anos que se seguiram, porém, a Califórnia retraiu-se a uma estagnação, negando sua proposição inicial: a de revelar e apoiar novos valores, principalmente aqueles que

encaram com criatividade nossa música nativa, não se limitando a uma cópia fraca das décadas passadas. Isto fez surgir divergências e muitas críticas ao concurso, até mesmo por parte dos Tapes. Mas eles pretendem continuar se apresentando na Califórnia, acreditando-a ainda válida já que, embora deficiente, ainda é uma das poucas coisas que se faz aqui em incentivo aos pesquisadores de nossas raízes.

Após esta primeira Califórnia (1971), o grupo voltou para Tapes, local de suas origens. “O interior oferece condições de nos encontrarmos com maior facilidade para realizarmos ensaios e criações seguindo a nossa tentativa estabelecida desde o início que é a de realizar uma obra grupal em todos os sentidos, sempre mantendo a idéia de que uma obra, para poder continuar, deve ser assumida individualmente por todos os componentes de um grupo e que ela só vai de tornar mais rica, a medida em que se desenvolve um trabalho coletivo.

—“Depois dessa primeira experiência, continuamos a trabalhar. Então, os contatos foram ao natural se estabelecendo com o pessoal, quando por acaso alguém de Porto Alegre viu nosso trabalho (Elias Fenato, assistente do Teatro de Câmara) e nos disse que não deveríamos ficar fazendo música para nós mesmos, mas que precisávamos mostrá-la para que o público também a conhecesse e despertasse seu gosto pela música nativa, tão esquecida. Assim, fizemos uma tem-

O novo

porada de três ou quatro meses no Teatro de Câmara, todas as segundas-feiras, e vimos o nosso trabalho ser prestigiado por muita gente”.

A firme preocupação dos Tapes com as origens da música indígena e com a divulgação de valores altamente regionais (pois “só os realmente regionais podem dizer alguma coisa às músicas das mais diversas partes do país”) faz com que seu trabalho seja considerado de destaque frente a arte gaúcha.

Todos os grupos ou artistas devem possuir individualmente um rumo. A essência, o ponto comum, é as raízes da nossa cultura. A partir delas e sofrendo as influências do tempo, meios e nossa própria condição, vai-se revelando aquilo que for expressivo, que a própria formação histórica ou simples condição estética (daquele que ouve, exige. Não seria, no caso, um trabalho de adaptação aos gostos, mas a necessidade de uma dimensão evolutiva na própria arte, e a arte não precisaria ser deslocada unicamente como reconstrução do passado, que também não deixamos de conhecer. Achamos que a arte precisa ter uma dimensão, mas não é a única que a exprime. No caso, a arte regional é muitas vezes confundida com o folclore. Achamos realmente que a história do Rio Grande do Sul tem formas distintas, mas que não deve permanecer, no momento contemporâneo, fixa e presa as portas do passado.

Pode-se colocar uma música como retratação musical de uma época, elaborada a partir de uma forma rítmica e melódica, uma recriação baseada conforme observações e vivências do artista no mundo de hoje. O que não se deve é posicionar como um museu de repolimento de recordações, nem criar coisas novas a partir do nada, mas numa colocação do ser no passado, criando e sentindo-se no presente.

Os Tapes sentem dentro de si um vínculo às origens do homem da nossa terra, que eles tentam projetar na própria situação do homem gaúcho do século vinte, influenciado tremendamente pela estrutura urbana que marca todo o Rio Grande do Sul, inclusive as áreas rurais.

—“Quando iniciamos o nosso trabalho, partimos do estudo da música que chamamos de influência indígena. Na prática, não ficamos com nenhum documento musical da época.



Quarta-feira, 7 de maio de 1975

trabalho dos Tapes: cantar o Gaúcho atual

A arte, suas influências, sua história e formação fazem parte do instrumento de trabalho de um grupo que é considerado expert na música gaúcha. E, Claudio Garcia, componente deste grupo, conta como "Os Tapes" surgiram, por que surgiram, e o que pretendem. A música folclórica encontra nos "Tapes" uma forma firme e resoluta de trabalhar, com qualidade e conhecimento. E somente desta maneira poderá se tornar aceita por todos os brasileiros e inclusive por nossos vizinhos de fronteira.



Baseamo-nos então em descrições dos historiadores sobre a manifestação da música no período missioneiro, mas um registro propriamente musical não existe. A partir daí e com um pouco de sensibilidade e informação histórico-sociológica, nos pudemos retornar àquela época e observamos o que foi realmente expressivo. Iniciamos por essa parte por que achamos que seria importante preencher a lacuna em termos de informação que chega hoje desta época. Era preciso retornar as raízes e vivê-las, até chegarmos a uma posição mais criativa. A que, sinceramente, não sei se chegamos.

- Na primeira fase de nossas pesquisas, cuidamos da elaboração do instrumental adaptado a mentalidade e musicalidade da época indígena. Os temas a que nos apegamos, se vinculavam a situações todas vividas, alcançando assim condições de unir uma consciência mais contemporânea aos fatos ocorridos, mas ainda não se desvinculando do texto e da obra musical. Taratava-se apenas de uma colocação em novos termos".

A fase seguinte já abrangeu o estudo da formação histórica do gaúcho, levando em conta os tipos teatinos, a prostituição rural, os tipos gaúchos e o europeu como habitantes pré-colonbianos. Os ritmos da época foram respeitados, mas eram recriados, se assim fosse necessário.

-Estivemos apresentando as diversas fases da formação histórica do Rio Grande do Sul. Atualmente o nosso trabalho é novo. Nosso em-

penho é o de mostrar a abordagem contemporânea, tanto histórica como literária, do grupo Os Tapes na arte gaúcha.

Com muita sorte, alguns componentes do grupo puderam manter contato com a arte dita folclórica dos países vizinhos como a Argentina, Paraguai, Uruguai e até mesmo México. E observaram que a música folclórica desse pessoal era aceita pelo público com mais consciência, aceitação pura da arte, elaboração e devolução do público para ele mesmo. E que o grupo Tapes não ficava devendo nada em questão de conteúdo e potência para a

arte, mas que na prática essa arte era devolvida sobre protesto de muitos e aceitação também de muitos, mas em termos gerais não havia nenhuma discussão a respeito dela. A tempos atrás nenhum grupo universitário pensava em promover apresentações de músicas folclóricas, mas atualmente as coisas estão mudando, quando o público já está dirigindo suas atenções para as músicas nativas, de influência de nossa formação histórica".

Mesmo permanecendo em sua cidade do interior, os componentes do grupo (Jorge, Bira, Valdir, Claudio, Betinho, Betinho e Acir) darão continuidade aos seus estudos

da arte gaúcha e apresentarão esse trabalho sempre baseado na divulgação da música de nossa gente, que mostre as qualidades e a história da terra.

-"Quando nos apresentamos, embora não cobremos cachê, sempre recebemos uma contribuição daquelas pessoas que acreditam em nosso trabalho. Essas contribuições geralmente cobrem as despesas de passagem e estadia. O que é mais importante para nós é mostrar, a todas as interessadas em arte, as nossas experiências e nos permitirmos a uma divulgação."



Abertura IVOS

Tapes

Ney Gastal

TU era dos que não acreditava muito na coleção Música Popular do Sul. E não acreditava porque me parecia que os pesquisadores da Marcos Pereira que para cá fossem enviados logo se enredavam nos meandros em que se divide o tradicionalismo do Estado, perdendo de vista o folclore, verdadeiro objetivo da pesquisa. Sem explicar muito bem o porquê de minha desconfiança, deixei-a clara a Carolina Andrade, mulher de Marcos e responsável pela coordenação da pesquisa, quando aqui esteve para comunicar que esta estava concluída. Ela apenas sorriu; só quando os discos foram lançados compreendi o porquê do sorriso. Ela pensava que, como bom gaúcho, eu simplesmente não podia acreditar numa pesquisa feita por uma mulher. Pois, aparentemente, muita gente por este Rio Grande afora teve — e deixou clara — esta impressão.

O resultado final, porém, os quatro discos que desde segunda-feira estão nas lojas, é de um nível a toda prova, e faz até ficar pensando sobre se a sensibilidade de Carolina não foi muito mais eficaz, no discernimento de o que interessava gravar, do que o racionalismo que nossos gaúchos pensam ser indispensável para um trabalho deste tipo. É a coleção "Música Popular do Sul" — modestia de gaúcho à parte — e a melhor das três já lançadas pela gravadora Marcos Pereira. A mais rica e, sem dúvida alguma, a mais importante. Não que nosso folclore seja mais destacado que o de outras regiões mas que, durante muito tempo, esteve escondido por sob uma capa de grossura, enquanto que o resto do País utilizava suas raízes tanto em trabalhos de registro, puro e simples, como de revalidação.

"Música Popular do Sul" nos livra de tudo isto, e do fantasma do Conjunto Farrroupilha, que ainda identificava no resto do Brasil a música do Rio Grande. E recoloca as coisas em seus devidos lugares, mostrando que na região, muito mais que tradicionalismo, existe um folclore incrivelmente vivo e sul-americano.

Pois exatamente neste sul-americanismo latino, quase inexistente no resto do Brasil, reside a grande riqueza de nossa música. A surpresa de Marcos Pereira ao descobrir a influência da música argentina e da cordilheira em nosso folclore resalta bem o desconhecimento geral, no resto do País, pela cultura do sul — ainda em maior escala — pela da América Latina. Em um País onde a dominação cultural é dirigida de muito longe, estamos mais afeitos a uma falsa cultura norte-americana (a nível de média e alta burguesia) ou européia (a nível "intelectual") do que a um posicionamento real, que seria o de estarmos ligados à América do Sul, onde, afinal, o Brasil está definitivamente incluído; pelo menos geograficamente.

"Música Popular do Sul" recoloca isto no devido lugar. Pela primeira vez é feito no Brasil um trabalho onde nosso posicionamento latino-americano é mostrado de forma ostensiva ante um público condicionado a parâmetros diferentes, público que vai do geral até as elites. E o resultado mais imediato é a surpresa, uma espécie de choque cultural ao perceber uma verdade que até aqui parecia improvável. A partir do Rio Grande do Sul talvez o Brasil possa se posicionar em

seu devido lugar, dentro da América Latina, exatamente porque foi aqui, no Rio Grande, onde maior foi a comunicação das culturas que no resto da fronteira brasileira se mantiveram estanques. E não poderia ser diferente: afinal, foram aqui as guerras, as invasões, os contrabandos, regulares, a revolução separatista dos Farrapos. Foi aqui que a fronteira se perdeu por entre o pampa, uma linha imaginária, traçada entre uma coxilha e outra que o gaúcho, brasileiro, uruguaio ou argentino, nunca fez menção de reconhecer em suas cavalgadas.

Não bastasse isto, a coleção tem ainda o mérito de haver lançado "Os Tapes", nosso melhor grupo nativista, para o conhecimento do resto do País. Surgido nas Califórnia de Uruguaiana, "Os Tapes" foi lastimavelmente marcado pelo reacionarismo de muitos de nossos tradicionalistas, e relegado, sempre que possível, a um discreto segundo plano. Sem fanfarronadas gauchescas, realizando um trabalho muito sério, mas tranqüilo, o grupo continuou em Tapes, uma tranqüila cidadezinha às margens da Lagoa, pesquisando e compondo. Ano passado organizou uma espécie de mostra geral de arte e artesanato gaúcho que foi das coisas mais importantes, no gênero, já feitas no Estado. E depois foi vaiado em Uruguaiana, por um público que parece mais afeito ao regionalismo ou à grossura do que à pesquisa concreta e bem realizada.

Aliás, "Os Tapes" até agora parece ter sido o maior mérito das Califórnia. Nada surgiu de tão importante, em Uruguaiana, como o grupo. Em nível secundário talvez possam ser citados os trabalhos de Marco Aurélio Vasconcellos e Luiz Coronel, ou de Iváldo Roque e Jerônimo Jardim, mas ambos ainda estão numa fase indefinida, sendo portanto muito cedo para saber em que irão resultar efetivamente suas pesquisas. Por outro lado, os "Marupiaras", licerados por Colmar Duarte, depois de tempos de indefinição, apresentaram na última Califórnia canções para o balé da "Salamanca do Jirao" que são das coisas mais bonitas já surgidas sobre temas folclóricos do Estado. Mas, como no caso anterior, ainda é cedo para dizer em que vai dar seu trabalho.

Assim, "Os Tapes" se mantém à proa de qualquer movimento de revalidação dos temas nativos do Rio Grande. Principalmente por seu trabalho instrumental (as flautas ainda são fascinantes), não afetado por uma certa elaboração exagerada que ameaça empanar um pouco o brilho de seus arranjos vocais, talvez, principalmente em seu disco solo, um tanto descaracterizado do sentimento xucro que é mais do que necessário para um grupo que, busca no remoto passado indígena uma base para suas pesquisas. De qualquer maneira, a presença dos Tapes na coleção, e seu disco solo, serão marcantes para a música de nosso Estado (uma vez que apresentava uma retomada do estudo folclórico real), e para o Brasil (com sua proposição nitidamente sul-americana, fundamental nos dias que correm).

Entretanto não se pode resumir assim, tão radicalmente, a importância da coleção à presença pura e simples dos Tapes. Pois é das gravações realizadas em campo, registrando manifestações que tendem ao desaparecimento, que ela retira muito de sua força. Mas isto é assunto pra semana que vem.

O GAÚCHO



Os Tapes começou cantando o gaúcho, depois iniciou a busca da valorização do indígena, que se tornou a parte mais forte de sua criação

Os Tapes faz sucesso, mas ainda quer melhorar

Os Tapes, conjunto que se dedica à projeção folclórica da música do Rio Grande do Sul — "com preocupação histórica" — mas que ultimamente vem se caracterizando pela busca de integração latino-americana através da criação voltada para o indigenismo, está de volta à sua cidade, Tapes. Em São Paulo e no Rio de Janeiro o grupo cumpriu curta temporada de apresentações, promovendo o disco gravado pela Discos Marcus Pereira. Para um futuro imediato já existem novos compromissos a cumprir e um deles é o espetáculo de encerramento da V Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul no dia 16 de dezembro, em Uruguaiana. E ainda por ser confirmada, existe a possibilidade de uma temporada na Europa, programada para o próximo ano, também por Marcus Pereira.

As ângus da Legua dos Patos estão mais agitados do que normalmente. Ondas se formam e vêm espumando, para finalmente morrer na areia. Um vento frio que agita os cabelos e difunde um entendimento entre as pessoas que se fazem. Uma delas é Valdir Garcia, integrante do conjunto Os Tapes, que acaba de realizar uma curta temporada de apresentações em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Promoção da Discos Marcus Pereira, pese quem o grupo possui um LP individual com músicas de seu repertório, na mesma época em que participou das gravações da Coleção de Música Popular do Sul. Num acerto apenas oral havia sido determinado que Os Tapes não faria shows durante almoços e jantins e que tanto a viagem quanto a alimentação seriam pagas, "mas não fomos tratados por este dazul, por gaúchos, que agora estão querendo nos cobrar até o que comentei".

Valdir Garcia não revela nomes ou pedes que seja mantido silêncio em torno dele, mas vai contando a história até o final. "E tivemos que fazer duas apresentações durante almoços, na segunda cantamos uma música e meia e nos mandaram". Na verdade, a temporada de Os Tapes, dali para a frente, foi toda ela financiada por Marcus Pereira, "um cara sensacional", que se responsabilizou por um total de Cr\$ 650 mil de gastos. Mas tudo bem. Foram sete apresentações: cinco delas no Pavão das Convenções no Anhembi, que foi lugar para 1.800 pessoas, e duas no Teatro João Caetano do Rio de Janeiro.

No Anhembi, em São Paulo, o público não lotou o local, mas foi relativamente numeroso e receptivo. Dos espetáculos participaram Inezita Barrão, Noel Cun-

hal, o pajador João Cristiano Brown, Cláudio Lauricetto e Jorge Kavan, que já trabalhou em cinema e atualmente está trabalhando em São Paulo. A curiosidade em torno da música apresentada pelos gaúchos não chegou a ser fora do comum, embora houvesse quem classificasse o instrumental de Os Tapes, por exemplo, de "estranho".

De qualquer forma, foi bem recebida. E Os Tapes terminou por fazer um espetáculo que não entrava nos padrões, por solicitação de uma turma de universitários da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. "Eles chegaram e pediram que a gente fosse cantar para eles, mas que não poderiam pagar. Fomos lá. Era um horário até meio estranho, à meia hora da tarde, quando eles estavam em recreio, mas o espetáculo durou uma hora e dez minutos e não tivemos que dar explicações". Agora isso, TV Cultura Canal 2 fez um tape de uma hora com o grupo.

Se foram compreendidos Valdir acha que sim, embora não exclua a possibilidade de parte da plateia ter levado as coisas pelo lado errado. Mas o excesso de explicações também não seria o ideal, porque eles redirecionam a arte a um nível muito distantes e acabam tirando sua força. "Podemos dizer que o pessoal que se aproxima da gente, se entendeu mesmo e o importante foi sentir que existe gente interessada em nosso trabalho".

Cenário não houve para os espetáculos. Iluminado especial, sim. E Valdir é um pouco, provavelmente ainda estranhando a utilização de "Iluminação estroboscópica na cidade". Os Tapes fez duas estradas. A primeira de forma convencional, cantando Continente Americano e Pedro Guarani, além de uma terceira música no mesmo estilo. A segunda foi feita "com ressonância de neoclassicismo indígena". Cantamos a Dança da Lanza do Sol, Cherapar I Apaycu e Gaúcho. A diferen-

ça, para nós surpreendente, é que o público aplaudiu muito mais a segunda parte".

Embora houvesse preocupação em não alterar as expectativas do público, nesse sentido — "para que não houvesse uma quebra na dinâmica do espetáculo" — vários números tiveram que ser repetidos. Valdir explica isso como um resultado obtido a longo prazo, diante as apresentações no Teatro de Câmara do Americano, que "nos ensinou a melhor maneira de explorarmos as nossas possibilidades, propiciando também um excelente nível de concentração, necessário ao show".

Mesmo assim, o disco gravado, a temporada no Rio e São Paulo não tirou a inutilidade do grupo. Continua com os pés na terra. Continua preocupado em melhorar. "Ainda não desmontamos o cenário total do espetáculo Americano", que é construído à base da movimentação sonora e não física (as integrações permanecem quase estáticas em cena). Sempre existe um som no ar, um ruído aqui, outro ali, criando expectativa e principalmente um clima denso. "Eu gostaria de modificar posso dizer que Americano foi a melhor coisa que Os Tapes já fez e para complementar muitas explicações sobre a temporada em São Paulo posso dizer que houve uma entrega total, de puro sentimento".

INDIGENISMO

Uma das faces do trabalho de criação de Os Tapes tem o índio Guarani que ocupa a área geográfica compreendida pelas atuais partes Paraguai, Argentina, Uruguai e por parte do Rio Grande do Sul. O conjunto desenvolve seu trabalho basicamente em cima da pesquisa sonora e de instrumental derivado do indígena.

Há um problema. Valdir Garcia afirma, por exemplo, que os índios cristianizados da região missioneira eram "excelentes instrumentistas, possuíam excelentes corais, construíam órgãos, mas cantavam em latim, porque tinham toda uma visão cristã" que lhes havia sido inculcada pelos jesuítas. Do índio Guarani anterior à pregação dos padres, nada se sabe. Presume-se apenas que ele, em sua "ineciva" movimentação geográfica, tenha chegado até os Andes. Mas não existem provas, não existe bibliografia. Não existe quem determine isso como verdade incontestável. Portanto, trata-se de uma suposição.

Diante disso, Os Tapes busca desenvol-

ver uma preocupação mais global, admitindo em suas pesquisas a fase pré-colombiana. Daí porque o grupo explorou a sonoridade de instrumentos como a quechua, o pífano, o gaitacheo, o bombo. "O índio missioneiro usava o violão e pouca percussão e como nada se conhece da tribo Guarani na época anterior à fundação dos Sete Povos das Missões...".

Dentro dessa visão de globalidade, Valdir conta que o conjunto já pensou em integrar o índio do centro do Brasil — em São Paulo, por exemplo. Mas isso seria uma tarefa difícil, pois as diferenças entre o índio brasileiro e o pré-colombiano é muito grande". Outra coisa que Os Tapes está fazendo é usar o caracalho. "Nos consultamos vários autores e todos eles informam que o caracalho é um instrumento vindo dos Andes". A acreção que sua utilização tanto pode ser vista como "uma conexão com a abertura, um questionamento".

No entanto a verdade é que o indigenismo inicialmente evocado pelos próprios integrantes de Os Tapes como uma segunda face de seu trabalho de criação, assume importância muito menor da esperada. Tudo é que possui a caracterizar o grupo, que em Americano — espetáculo já levado em Porto Alegre — realizou um retrospecto ao passado para, situando-se na fase do índio cristianizado, compor o quadro trágico de sua derrota diante da força do invasor, o colonizador espanhol e português. O espetáculo exige muita capacidade de concentração e concretiza durante uma hora de duração o reflexionamento amargado e angustiante do indígena vestido de bruto, com a cruz no peito e condenado de ter entregue o ouro aos jesuítas.

E o gaúcho a Cavalariada não preocupa os componentes do grupo? Valdir afirma que "a preocupação do cantor é cantar o que vê, o que sente". E acrescenta que "o espetáculo no Rio Grande do Sul não existe mais, não se vê mais boiadas nas estradas do interior, porque o embarque é feito em caminhões". Existe o peão e a farda dele, que Os Tapes já cantou, em Jurema, que conta a história da moça "pura" que "no galpão se fez mulher". Jurema nunca mais disse não, transformando-se em "acorde agitado" para amansar o feroz seu pai". Um aspecto de todo um quadro aciel pre-conceituoso e que, exatamente por ser preconceituoso, não tem condições de oferecer um ambiente sadio a seus integrantes. "É o peão que fale, para ver o que lhe acontece...".

SOM-IMAGEM

Osvil Lopes

Foi um ano excepcional para o disco brasileiro

O disco feito no Brasil por intérpretes, instrumentistas e produtores brasileiros, nunca conheceu um ano de tanta vendagem como 1975. O que se viu nos 12 meses foi o samba vendendo como água. Gravações de Marinho da Vila, Clara Nunes, Beth Carvalho, Benito Di Paula, Vinícius e Toquinho passaram a vender mais que coisas do gênero Elton John e B. J. Thomas, que durante anos sufocaram o mercado discográfico brasileiro. 1975 foi um ano excelente quanto a lançamentos, com a afirmação de um rock nacional através de Rita Lee, com o som acústico do "Almôndegas", a pureza de "Os Tapetes" e um talento como Arthur Moreira Lima, gravando um compositor essencialmente popular, Ernesto Nazaré.

Na opinião de "Som-Imagem" estes foram os 10 elepês (ou lançamentos) mais importantes de 1975, com um enfoque, é claro, de Rio Grande do Sul:

"CAÇA A RAPOSA" (RCA) elepê que veio confirmar uma dupla importantíssima: João Bosco e Aldir Blanc, praticamente lançados por Elis Regina. Neste disco, João mostrou que além de compositor é um bom violonista e melhor intérprete ainda.

"AQUI" (Continental) é o segundo elepê do grupo "Almôndegas", e mostra uma superioridade incrível sobre o anterior. Kleidir, Kleiton, João Batista, Ginei e Quiko são músicos amadurecidos, instintivos e donos de uma criatividade incrível. O disco, apesar de gravado em 16 canais no Rio, é todo feito por gaúchos, desde a capa de Pedro Feres. A faixa com "Haragana" (Quico Castro Neves) tem tudo para ser um grande sucesso popular.

"MINAS" (ODEON) Importantíssimo porque mostra Milton Nascimento descontraído, fazendo um trabalho simples, mas extremamente bom, entre amigos e gente com quem gosta de transar. Elepê que não pode faltar em discoteca que qualquer pessoa que pretenda ser medianamente informada sobre música brasileira.

"MARAVILHA DE CENÁRIO" (RCA) Marinho da Vila continua sendo uma espécie de carro-chefe de ritmos e temas muito brasileiros. Sua música pode ser repetitiva, mas é eficiente, limpa e muito bem feita. Neste disco, Marinho se mostra menos baísta para se preocupar com outras tendências.

"PAULINHO DA VIOLA" (ODEON) Depois de dois anos sem gravar Paulinho mostra um trabalho cada vez mais coerente. Ele está realmente inovando o velho samba carioca sem precisar tirar sua pureza, sua originalidade. "Amor à Natureza" é um canto triste lembrando que o homem está destruindo a terra. "Argumento" é outra boa faixa.

"TAPES" (Márcus Pereira) O grupo da Cidade de Tapes revelou neste disco (16 canais, tecnicamente perfeito) um som muito latino-americano e com profundo cheiro de terra. Um som feito por flautas de bambu, por bombos nativos, violas e instrumentos exóticos criados pelos componentes do grupo. O

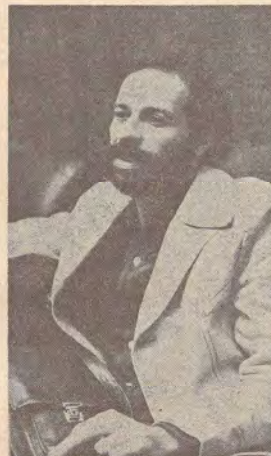
disco todo é muito bom, mas existem faixas fora de série como "Dança da Lagoa do Sul", "Janaita", "Continente Americano", e um arranjo bellissimo para "Os Homens de Preto", de Paulo Ruschel.

"PANDEIRO E VIOLA" (Tapetar) O último disco de Beth Carvalho continua sendo uma aula de como se escolhe um repertório. Não há no disco, nenhuma música gratuita. Tudo ali é sentido, vivido e planejado. Do velho tema de Noel Rosa ("Onde está a Honestidade?"), à composição de Nelson Cavaquinho ou de gente jovem como Gisa Nogueira, a mesma seriedade de tratamento por parte de uma intérprete que atinge sua maturidade em termos de interpretação.

"ARTHUR MOREIRA LIMA GRAVA ERNESTO NAZARÉ" (Márcus Pereira). Nestes 2 elepês um pianista ligado às salas de concertos, vem se incorporar à música popular brasileira, para recuperar uma bagagem musical importantíssima como a de Ernesto Nazaré Profissional dos tempos de tocar nos cinemas, Nazaré deixou uma infinidade de composições variadíssimas desde tangos, valsas, potões e outros ritmos. As mais expressivas estão reunidas nestes discos.

"SUELI COSTA" (ODEON) Finalmente um disco inteiro com a mineira Sueli, compositora que a gente já conhecia através das gravações de outros intérpretes como Maria Betânia ("Coação Ateu"). O disco do Odeon vem mostrar que Sueli é também uma cantora de peso.

"MÚSICA POPULAR DO SUL" (Márcus Pereira) Quatro elepês para mostrar a riqueza e variedade da música popular do sul do Brasil, principalmente do Rio Grande do Sul, que ocupa o maior espaço no lançamento.



João Bosco, responsável por um dos melhores discos do ano